

FANNY TABAK E OS PRIMEIROS PASSOS DOS ESTUDOS SOBRE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO NO BRASIL*

*Bruna Mendes de Vasconcellos** e Márcia Maria Tait Lima****

RESUMEN

En este artículo rescatamos la vida y obra de la intelectual brasileña Fanny Tabak, con el objetivo de dar visibilidad a sus pioneras contribuciones al campo de los estudios en ciencia, tecnología y género en Latinoamérica. El artículo incluye una revisión de sus principales obras, articulada con una lectura de su vida personal y política. Los datos de su trayectoria personal provienen de una entrevista realizada a la autora en el año 2013. Su obra es relevante en tanto Tabak fue parte de una primera generación de autores que desde Latinoamérica construyeron lecturas locales acerca de las relaciones entre ciencia, tecnología y sociedad, y que criticaron sus estructuras jerarquizadas. En la década de 1970, Tabak escribió las primeras publicaciones que señalan las desigualdades de género en el espacio académico brasileño y fue también una importante portavoz de las mujeres en el escenario político local e internacional. Sus planteamientos críticos a estas desigualdades han inspirado a otras generaciones feministas, abriendo las puertas a los esfuerzos académicos/militantes por cambiar los patrones androcéntricos de las C&T modernas en nuestro territorio.

PALABRAS CLAVE: FEMINISMO — C&T — FANNY TABAK — AMÉRICA LATINA

* Este artigo foi desenvolvido pelas pesquisadoras como parte do projeto “O Pensamento Latino-Americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade: um estudo exploratório” (2011-2013), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

** DPCT-Unicamp. Correo electrónico <brunavasconcellos@gmail.com>

*** DPCT-Unicamp/PNPD-Capes. Correo electrónico: <marcia.tait@gmail.com>

INTRODUÇÃO

Neste artigo trataremos da trajetória pessoal e intelectual de Fanny Tabak, uma das únicas representantes do sexo feminino que fez parte da primeira geração de pensadores do Pensamento Latino-Americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade–PLACTS.^[1] Buscaremos mostrar a originalidade de sua abordagem e as principais contribuições para os estudos de c&t na América Latina, destacando seu pioneirismo nos estudos sobre participação feminina na vida política e na educação superior no Brasil. As contribuições de Tabak abriram caminho para uma vertente de estudos que ganhou consistência e hoje mostra sua força no Brasil e América Latina, os Estudos de Ciência, Tecnologia e Gênero ou Estudos Feministas da Ciência e Tecnologia (EFCT).

Figura 1. Fanny Tabak



Fotografias da coleção pessoal de Fanny Tabak.

[1] O PLACTS foi um movimento surgido na década de 1960 no bojo de uma movimentação intelectual mais ampla de contestação ao desenvolvimentismo e a dominação cultural vivenciada pelos países latino-americanos na Pós-Guerra. “Em sua essência, o PLACTS contestava a visão do ‘modelo linear de inovação’, segundo o qual toda inovação tecnológica segue um padrão mais ou menos bem definido de descoberta científica-incorporação desse conhecimento ao acervo humano-desenvolvimento de produtos” (frase veiculada no site oficial <<http://www.placts.org/>>).

Tabak foi uma autora importante nessa primeira geração de acadêmicos do PLACTS ao publicar trabalhos pioneiros sobre a questão da participação das mulheres na Universidade, no entanto, há de se destacar que ela não era a única preocupada com esse tema. Outras cientistas feministas do continente como Lucía Tosi ou Diana Maffia, naquele momento, realizaram trabalhos nos quais questionavam modelos de desenvolvimento, políticas de ensino e ciência, e a desigualdade na presença de mulheres na C&T. Essas e outras autoras feministas contribuíram para a consolidação do campo dos ECT e têm se destacado pela capacidade de elaborar teorias que problematizam a inserção do(a) próprio(a) pesquisador(a) no âmbito da produção de conhecimento e da articulação entre pensamento científico e político, contribuindo ao reconhecimento da ciência como uma produção cultural com características específicas e permeadas por valores sociais.

Apesar disso, há pouco reconhecimento dentro dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT) destas contribuições, uma recorrente invisibilidade dessas abordagens e dificuldade de incorporação da categoria de gênero pelos principais autores do campo (González García e Pérez Sedeño, 2002). Nesse sentido, destacamos o trabalho de Fanny Tabak pelo seu pioneirismo, reforçando suas contribuições ao PLACTS e dando visibilidade às abordagens feministas que constituem os estudos CTS.

Retomar o trabalho de Tabak se torna também imprescindível porque como se deu com outras preocupações que foram colocadas de forma precursora por integrantes do PLACTS, as relações desiguais entre mulheres e C&T permanecem “perturbadoramente atuais”. Apesar do visível aumento na participação das mulheres na Universidade, estudos recentes destacam que os desafios neste sentido ainda têm caráter tanto “quantitativo” —número reduzido de mulheres que acendem a carreiras científicas e aos postos de liderança ou chefia— quanto “qualitativo” —estruturas, organização e comportamentos que inibem a efetiva igualdade de atuação.

CAMINHOS QUE SE CRUZAM: VIDA PESSOAL, PESQUISAS E PREOCUPAÇÕES POLÍTICAS

Fanny Tabak é carioca, nascida na década de 1920, socióloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), formada em 1945. Na década de 1960, exilada pelo governo militar, Tabak vai fazer seu doutorado em Moscou, onde se une ao marido, acadêmico da área de física, que já estava fora do país, e vai carregando com ela seus três filhos, um deles com apenas dois anos de idade. Após a temporada na Rússia ainda fica mais um ano na

Figura 2. Fanny Tabak com seis anos de idade



Figura 3. Na União Soviética com a família em 1962



London School of Economics, realizando uma especialização em Sociologia do Desenvolvimento, sem poder voltar ao seu país. Em 1967 ela, seu marido e filhos voltam a sua terra natal e pouco tempo depois, ela perde o marido em um trágico acidente de carro na cidade do Rio de Janeiro. Mais tarde, em 1988, ela voltaria a sair do país para realizar um pós-doutorado na Universidad Complutense de Madrid.

Suas atividades de pesquisa também extrapolavam o âmbito das Universidades, Fanny Tabak foi por muitos anos pesquisadora da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) e de outras agências de pesquisa internacionais, estando principalmente envolvida com pesquisas na América Latina. As articulações feitas como decorrência dessas pesquisas e sua participação em fóruns internacionais são marcas importantes de seu trabalho e do reconhecimento que tinha, sendo a integração latino-americana um tema constante em sua produção.

No início de sua carreira acadêmica, entre o final da década de 1960 e início de 1970, dedicou-se principalmente a trabalhar com os temas: sociologia urbana, desenvolvimento nacional e a relação entre tecnologia e desenvolvimento. No começo da década de 1970 organiza duas publicações como parte de uma coletânea de estudos latino americanos. Uma chamada

**Figura 4. Reunião preparatória para o ONU-Mulher, em Cuba, 1994
(Tabak é a segunda mulher à esquerda de Fidel Castro)**



Ideologias – populismo (Tabak, 1973) e outra *Dependência tecnológica e desenvolvimento nacional* (Tabak, 1975). Os dois livros, que traziam contribuições de autores(as) de diferentes países latinos, tinham como objetivo central contribuir na construção de um pensamento próprio latino-americano sobre esses temas e criticar a situação de dependência tecnológica que existia em relação aos países do norte. Essas duas publicações trazem como pontos chave para superar a situação de dependência a integração latino-americana: a produção de conhecimentos próprios e a formação de pessoas no continente para produzir também tecnologias que pudessem contribuir ao desenvolvimento da região.

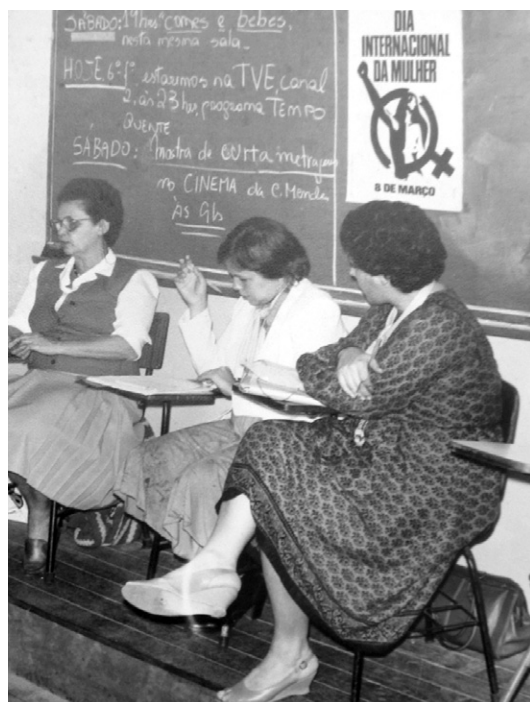
Na escrita de seu texto estava muito presente a intenção de elaborar e induzir caminhos, o posicionamento político em relação ao desenvolvimento endógeno e a pretensão de colaborar com subsídios para políticas públicas. Esta parecia uma tendência dos(as) autores(as) do PLACTS de maneira geral e do contexto de engajamento político que marcava as décadas de 1960 e 1970. Na introdução de *Ideologias – populismo* a autora menciona que existia uma desconfiança em relação à capacidade dos sociólogos latinos de produzirem conhecimentos sobre o desenvolvimento, atribuída a seu “envolvimento com a militância política”. A sua opinião sobre esta desconfiança era que não se sustentava, e que sim, já neste momento existia um conjunto de pensadores das ciências humanas da região que provavam sua capacidade intelectual e crítica de fazê-lo. O conjunto de autores(as) da primeira geração do PLACTS apresentados nessa coletânea, e as dimensões que ganharam esses estudos no continente em anos subsequentes fazem eco à opinião da autora.

A LENTE FEMINISTA NO OLHAR SOBRE A POLÍTICA

Este engajamento político ou posicionamento político mais explícito dos(as) autores(as) do PLACTS neste período, na obra de Fanny Tabak tomou contorno mais específico nos trabalhos que desenvolveu envolvendo as mulheres. A autora foi também militante feminista nessa época, ajudando a construir os primeiros coletivos e grupos feministas no Rio de Janeiro. Seu interesse pelo tema a levou a conhecer através de suas participações em pesquisas com a UNESCO, os recém-formados departamentos de *women's studies* que se configuravam principalmente nos Estados Unidos e Europa. Influenciada por estas experiências, a autora trouxe a ideia para o Brasil e foi responsável pela fundação, nos finais da década de 1980, do primeiro Núcleo de estudos da Mulher, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Este aspecto é relevante para entender sua produção de conhecimento e o perfil de acadêmicos/intelectuais do período. Fanny Tabak era uma feminista ativa na construção do movimento pela emancipação das mulheres e por conquistas de direitos. A autora comentou em entrevista^[2] que era uma “feminista desde o berço” e que suas posturas lhe “custaram” a rejeição para cargos e trabalhos. O seu pioneirismo na criação do Núcleo na PUC-Rio repercutiu no seu envolvimento na construção de outros núcleos pelo país. Auxiliou, por exemplo, na fundação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), na Bahia, um dos poucos lugares com mestrado e doutorado especificamente sobre o tema gênero, e que hoje conta, inclusive, com uma graduação nesta área.

Figura 5. Fundação do Centro da Mulher Brasileira no Rio de Janeiro, 1975 (Tabak é a primeira da esquerda)



[2] Realizamos uma entrevista com Fanny Tabak em seu apartamento no Leblon, cidade do Rio de Janeiro, em dezembro de 2013. A entrevista foi realizada com a intenção de produzir este artigo.

O Núcleo de estudos da Mulher fundado por Tabak, como dito anteriormente, foi o primeiro do Brasil e esta dedicado, principalmente, ao estudo da participação das mulheres na esfera pública em posições de tomada de decisão. Este tema de participação política das mulheres nas diversas esferas públicas (municipal, estadual e federal) foi um tema que ocupou uma parte importante do trabalho da autora que publicou e organizou livros como: *Mulher e política* (Tabak e Toscano, 1982); *A mulher brasileira no Congresso Nacional* (Tabak, 1989); e *Mulheres públicas: participação política e poder* (Tabak, 2002a).

Em linhas gerais, esses trabalhos argumentavam que apesar da mulher brasileira ter conquistado seu direito ao voto na década de 1930, ainda na de 1980 a participação delas no poder legislativo como representantes eleitas era irrisória. A autora buscou os dados sobre essa “falta” e analisou os entraves para inserção das mulheres aos cargos de poder; qual o perfil das candidatas que chegavam ao poder; e como estas eram vistas pelas eleitoras mulheres. Suas análises traçaram um caminho paralelo às trajetórias de mudanças ocorridas no cenário político e social com o decorrer do tempo, com a elaboração e direitos conquistados com a Constituinte de 1988 e a política de cotas para candidaturas de mulheres,^[3] tema sobre o qual produziu intensamente.

Este é o grande tema de pesquisa da autora, que engloba a maioria de suas publicações e é responsável por grande parte de seus esforços ativistas nas décadas de 1970 e 1980. É interessante pensar que Tabak ao mesmo tempo em que contribui na consolidação sobre mulheres e política no país, o faz abrindo caminhos para o pensamento feminista na academia, instituindo núcleos e disputando espaços próprios para a construção acadêmica dos estudos feministas e sobre as mulheres. Esse olhar acadêmico e engajado da autora dentro do campo da política conduz posteriormente a levantar indagações sobre a participação pública das mulheres em outros espaços, como a Universidade, e a produção do conhecimento de forma mais ampla, tema de especial interesse aos objetivos desse artigo.

A LENTE FEMINISTA NO OLHAR SOBRE A c&t

Se Simone de Beauvoir falava com razão que uma “mulher não nasce mulher, torna-se”, parece interessante se questionar sobre como e porque

[3] A Lei 9.100/95, aprovada em 1995, determina a reserva de cotas para mulheres nas Câmaras Municipais. No final de 1997, outra lei (Nº 9.504) ampliou a política de cota de vagas de 20% para 30% (ficando definido um mínimo de 25% de vagas, transitoriamente).

intelectuais como Fanny Tabak tornam-se mulheres que conduzem sua vida e trabalho de forma politicamente engajada, ou seja, tornam-se feministas. Como mostrado até agora, as preocupações de pesquisa da autora com temas como: o desenvolvimento nacional, democracia e participação política; desde muito cedo acabaram vinculados ao tema da participação da mulher. No período entre meados da década de 1960 e meados de 1970, como mencionado anteriormente e abordado neste livro em outros artigos, havia uma produção intelectual emergente e insurgente sobre os direcionamentos da ciência e tecnologia, dito de outra maneira, sobre os caminhos que os países latino-americanos poderiam e deveriam seguir em relação ao seu desenvolvimento científico e tecnológico. No entanto, o lugar da mulher nesta América Latina em desenvolvimento não era uma questão colocada pelo núcleo de pensadores mais envolvidos na origem do PLACTS, coube à Tabak fazer essa leitura a partir de sua lente feminista.

Não é uma grande novidade que o olhar feminista sobre uma realidade seja trazido justamente por uma das poucas mulheres pesquisando nesse campo, a subalternidade e desigualdades sentidas na pele historicamente levam mulheres a se engajarem com o pensamento feminista, negros(as) as abordagens anti-racistas, índios com o pensamento pós-colonialista e assim por diante. No entanto, não há de se naturalizar essa forma de construção, e há de se criticar a invisibilidade dada a esses temas, e principalmente a pouca incorporação de categorias como gênero, raça-etnia, sexualidade, pelos(as) principais autores(as) do campo não apenas nessa primeira geração, mas nos trabalhos que seguem, tema que retomaremos nas conclusões do trabalho.

A lente feminista que Tabak ajudou a construir caminhos que permitiram a convergência entre os estudos CTS e o pensamento feminista, fazendo a ponte entre uma crítica à política de ciência e tecnologia no contexto latino americano, desde a ótica das relações de gênero. Portanto, é importante destacar esse trânsito da autora, que dialoga com dois grandes campos de estudos em consolidação nas décadas de 1970 e 1980: o PLACTS e o pensamento feminista, impulsionando a construção do campo dos EFCT.

Em entrevista concedida em 2003, Fanny Tabak conta que o início de sua preocupação com a “condição feminina, a baixa representação política das mulheres, a discriminação por motivo de sexo e temas afins” (ComCiência, 2003), aconteceu ainda no começo da década de 1970, quando era docente da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. Segundo ela, começa então a constatar baixos índices de presença feminina nos cursos de engenharia, onde lecionava aulas de Sociologia do Desenvolvimento. Em 1990 começa uma pesquisa sobre este tema na UFRJ

e PUC-Rio. Os resultados da pesquisa são apresentados e analisados em 2002 no livro *O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino*. Nele, a autora demonstra a (não) participação das mulheres especialmente nas áreas de ciência naturais (física e química) e as engenharias.

Este trabalho foi extremamente importante para os estudos posteriores sobre ciência, tecnologia e gênero no Brasil, sendo Tabak reconhecida como uma das primeiras pesquisadoras a sistematizar no país uma série de críticas, que já vinham sendo elaboradas pelas feministas e cientistas, aos preconceitos e condições que dificultam a inserção (permanência e chegada aos postos diretivos) das mulheres na academia. Apesar de, entre 1970 e 1990, haver aumentado o número de mulheres nas Universidades, isso aconteceu levando as marcas dos papéis de gênero: se mantém uma divisão horizontal dos papéis, assim existem áreas feminilizadas (enfermagem, educação, artes), enquanto outras como as engenharias se mantêm masculinizadas, e se mantém uma divisão também vertical. A inserção das mulheres é como uma pirâmide, ainda que haja uma participação expressiva delas na graduação, conforme avançamos para mestrado, doutorado, professoras, direção isso diminui de forma significativa. Em síntese, Fanny Tabak reforça com dados e fatos históricos a crítica sobre a recorrente pouca participação das mulheres nas ciências, contrariando pensamentos que naturalizam essa ausência e destacando como são os estereótipos de gênero que determinam uma série de comportamentos e ocasionam essas disparidades.

Na entrevista de ComCiência, Fanny Tabak reafirma que os dados até aquele momento ainda eram expressivos e mostravam as diferenças de gênero em diversas áreas de conhecimento. “Ainda existe forte preconceito em relação a algumas áreas do conhecimento – ‘mulher não dá para matemática’ – decorrente do próprio perfil de socialização das meninas, do condicionamento cultural ainda vigente na sociedade brasileira. Outro fator que influi na escolha da profissão é o mercado de trabalho (favorável ou não) e uma visão deformada do que significa ‘ser cientista’ ou ‘fazer ciência’. Além de que algumas áreas são consideradas mais condizentes com a ‘condição feminina’ (por exemplo, a medicina ou a biologia)” (ComCiência, 2003).

Em relação a esta problemática, Tabak coloca a necessidade de esforços públicos para criação de programas especiais para atrair jovens para as carreiras científicas e dotar as escolas públicas, desde o ensino fundamental, com equipamentos, laboratórios adequados para desenvolvimento de habilidades científicas. Também coloca a necessidade de ampliar o acesso a informações sobre o que consiste o trabalho científico, com visitas a laboratórios e informações nos meios de comunicação. Além disso, acredita que

as agências públicas e privadas deveriam ter políticas afirmativas e destinar verbas e bolsas para pesquisadoras do sexo feminino.

Estudos mais recentes demonstram que apesar de haver um aumento significativo no número de mulheres que estão presentes nas Universidades, as marcas de diferenças entre áreas permanecem, sendo as ciências exatas e naturais majoritariamente masculinas. Estes estudos indicam também que há um crescente número de mulheres bolsistas de pós-graduação, mas que quando estas chegam ao nível de bolsas de pós-doutorado, produtividade, e especialmente aqueles de estudos no exterior, o número de mulheres reduz drasticamente (Aquino, 2006).

Tabak se insere no contexto dos EFCT como socióloga que contribui para criticar tanto em termos quantitativos a pouca participação das mulheres na ciência, como para refletir essa participação qualitativamente. Abre a porta para que nos anos subsequentes uma série de estudos seja realizada no Brasil dedicada a analisar a condição das mulheres na academia (Velho e León, 1998), e se soma a esforços feitos por historiadoras também na América Latina sobre a condição de participação das mulheres na academia ao longo do tempo (Lopes, 1998), por antropólogas, assim como por cientistas naturais e exatas que desde a própria experiências passam a contribuir na construção da crítica feminista a C&T (Tosi, 1998).

O envolvimento político de Fanny Tabak a tornou também precursora na construção de propostas políticas para a C&T que consigam abarcar as dimensões de gênero, tentando propor giros na construção de políticas que buscassem romper com um cenário desigual, tão fortemente criticado pela autora em seus estudos teóricos.

Assim, podemos considerar que a principal contribuição da Fanny Tabak foi abrir espaço para a crítica feminista dentro do pensamento sobre a C&T na América Latina, e dar os primeiros passos no direcionamento de uma política científica engajada com as questões de gênero. O reconhecimento por sua importância neste campo levou, em 2008, a ganhar uma homenagem por vida e obra no XVIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero realizado na cidade de Curitiba.

AS PIONEIRAS CONTRIBUIÇÕES DE TABAK

Através da biografia de Tabak podemos perceber que sua carreira acadêmica passou por diferentes áreas do conhecimento, imbricadas invariavelmente com os caminhos de sua atuação política. Essa característica transversal ao seu trabalho confere, em grande medida, aquele que é o traço central de

sua contribuição pioneira ao campo dos estudos feministas da C&T: a visão do caráter eminentemente político da ciência, e assim sua constituição como território também passível de crítica social, feminista.

Sua trajetória de produção acadêmica evidencia como esse olhar feminista à construção social da ciência se constituiu como fruto não apenas de sua atuação política no movimento de mulheres, e como articuladora de processos de integração latino-americana, mas especialmente através de seus acúmulos teóricos no campo da participação pública e política das mulheres no Brasil e aquele do pensamento latino-americano sobre a ciência e a tecnologia.

Neste sentido, as primeiras publicações da autora contribuem com reflexões sobre o caráter situado da produção do saber, ao indagar o contexto de dependência da academia latino-americana ante a C&T dos países do Norte (Tabak, 1973). No livro citado, a autora argumentará que há em nosso território significativa produção de conhecimento, constituída por quem se forma sentindo na pele a realidade latina e que a partir disso tem contribuído para a construção de saberes próprios e autônomos. Para embasar esse seu argumento, Tabak reúne na coletânea trabalhos pioneiros de diversos autores latinos, somando esforços no sentido de consolidar teorias sociais próprias do continente. São primeiros passos importantes na desconstrução de visões neutras acerca da produção do saber.

Por outro lado, durante as décadas seguintes de sua trajetória, Tabak produz amplamente sobre a participação política das mulheres no Brasil, e nesse campo disciplinar a autora critica a pouca participação política das mulheres, questionando especialmente o estereótipo social, reforçado nos governos autoritários latino-americanos, de que “política é coisa de homem” (Tabak, 1983; Tabak e Toscano, 1982). Assim, Tabak começa a coletar e analisar uma série de dados quantitativos e qualitativos sobre a presença das mulheres na vida política do país e a consolidar argumentos sobre os condicionantes sociais que sustentam essa desigualdade. Tabak (1983, 2002a) constataria assim que os partidos políticos brasileiros não estimulavam, nem facilitavam a candidatura de mulheres, independente de sua tendência política, e destacaria ainda que a própria formação cultural e educacional nos regimes autoritários —que consideravam a mulher como reprodutora de valores tradicionais e conservadores— enfatizava a importância de seu papel na família como encarregadas de incutir nos filhos a ideia de ordem e obediência. A vivência democrática limitada por longos períodos de ditadura era recorrentemente mencionada como um fator limitante das estruturas políticas e da participação feminina na política, e apesar disso, Tabak (1983) faz um importante trabalho de dar visi-

bilidade a participação feminina em movimentos de resistência a Ditadura e pelas liberdades democráticas.

A autora também trás contribuições acerca do perfil daquelas que efetivamente conseguiam assumir postos políticos, e aqui destaca como sua maior concentração estava no nível local, no trabalho das vereadoras, e como o papel social atribuído às mulheres como mães estava intimamente relacionado as dificuldades de deslocamento e ausências que por vezes impediam seu envolvimento com a política Estadual ou Nacional (Tabak, 1987).

Esse conjunto de análises sobre os contingentes sociais que dificultavam o envolvimento e participação das mulheres em certas instâncias decisórias na política do país são um passo importante nesse momento histórico, na medida em que começam a nomear explicitamente que existem fatores sociais e culturais, que limitam os lugares por onde circulam as mulheres. Ou seja, essas leituras se somam aos esforços feministas de evidenciar o caráter eminentemente social dos papéis de gênero.

Na produção específica da Tabak, o que nos interessa destacar neste artigo é como ela leva essa leitura –de normas culturais que dificultam o acesso das mulheres à vida pública– ao território da produção científica e tecnológica. Nesse sentido, Tabak dedicou à mesma atenção –trabalhando com levantamento de dados, análise crítica e comprometimento com a transformação– à dificuldade de participação das mulheres nos espaços de produção de ciência e tecnologia. Este tema é aprofundado na segunda parte de sua produção, a partir de 1990, quando a autora desenvolve pesquisas e publica trabalhos sobre a dificuldade das mulheres de adentrar e permanecer nesses espaços, em suma: de vencer as barreiras de uma sociedade ainda patriarcal que desestimulava a própria visualização de um futuro profissional das mulheres em carreiras científicas.

Nesse cenário, a publicação do livro *O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino* (Tabak, 2002b), é um importante marco de sua obra, e de sua contribuição aos estudos feministas em C&T, na medida em que representa a união de suas críticas a produção científica com suas perspectivas feministas sobre os contingentes sociais da participação pública das mulheres. A compilação de uma série de dados quantitativos e de análises qualitativas sobre a vivência das mulheres nas carreiras científicas; são significativas na medida em que escancaram o caráter eminentemente social de produção do saber e o faz desde o olhar e a vivência das próprias mulheres. Nesse sentido, não apenas critica um cenário de ausência, mas dá passos importantes na compreensão das limitações sociais.

Tabak (2006) alega como neste momento histórico persiste a idéia de que a mulher “não gosta”, não tem “vocação” para a carreira científica, de que

não tem a mesma “capacidade” que o homem para o raciocínio abstrato, de que não é capaz de “conciliar” atividade científica com a responsabilidade pela família e pelos filhos. A autora argumenta que a visão dicotômica que entende as mulheres como emotivas e homens como racional permeia o imaginário cultural que dificulta a inserção das mulheres nessas carreiras e era especialmente enfática à necessidade de políticas que estimulassem a participação feminina em carreiras científicas (Tabak, 2002b; 2006).

Portanto, Tabak ao longo de sua obra constrói argumentos que ajudam a refletir acerca das limitações sociais sobre quem é apto a adentrar o território de produção de saber. Ao criticar o cenário de dependência do continente, e pautar a necessidade de integração latino-americana e de produção de saberes próprios, e reivindicar também o lugar das mulheres na academia, Tabak constrói uma base sobre a qual é possível se sustentar para fazer críticas mais profundas ao caráter eminentemente androcêntrico da produção do saber.

Essa insistência de Tabak na construção de saberes da região, e politicamente implicados com a luta das mulheres, são pontos fundamentais para os Estudos Feministas da C&T e foram desenvolvidos posteriormente por autoras como Sandra Harding e Donna Haraway e a vertente conhecida como *Stand Point Feminism*, um feminismo que justamente ressalta a implicação local, situada e a perspectiva parcial na produção de um conhecimento com potencial político e emancipatório para as mulheres. A importância do local de produção também está presente em teorias feministas que se desenvolveram especialmente na América do Sul e Central, pelo chamado *feminismo decolonial*. Esta vertente feminista ressalta como a categoria gênero fez parte do processo de colonização de nosso continente e implicou em um reforço da violência exercida sobre as mulheres pertencentes às populações nativas e subalternizadas (indígenas, mestiças e afro-americanas). Em seus desenvolvimentos teóricos, várias autoras ressaltam a necessidade de situar essas opressões e impossibilidade de um feminismo universal, que seria em sua gênese também colonizador. Nas palavras da autora argentina María Lugones:

Sob o quadro conceitual de gênero imposto, os europeus brancos burgueses eram civilizados; eles eram plenamente humanos. [...] Eu compreendo a hierarquia dicotômica entre o humano e o não humano como a dicotomia central da modernidade colonial. Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas

dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas –como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. [...] A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês (Lugones, 2014: 938).

No momento histórico de produção dos primeiros textos de Fanny Tabak, faz-se notar em alguns de seus textos certo ceticismo em torno da capacidade dos acadêmicos militantes serem “suficientemente acadêmicos” para produção de teorias críticas cientificamente sólidas e pertinentes para América Latina. Posteriormente, a autora reconhece cada vez mais que o engajamento político não impedia a produção de reflexões consistentes pelos autores latino-americanos.

Atualmente olhando para teorias feministas, como a feminista decolonial, e sua crítica ao contexto e conteúdos majoritários dos conhecimentos produzidos por autores (as) latino-americanos, parece que seria uma provocação importante inverter esta preocupação: *Será que os acadêmicos são suficientemente militantes para produzir conhecimento necessário para o desenvolvimento da América Latina?*

APONTAMENTOS FINAIS: LIMITAÇÕES E NOVOS CAMINHOS PARA OS ESTUDOS DE GÊNERO E C&T NA AMÉRICA LATINA

As contribuições políticas e acadêmicas trazidas pela vida e obra de Tabak, que foram recuperadas neste artigo, perderiam sua força como horizonte gerador de interpretações e ações necessárias para o desenvolvimento do nosso continente, se não refletimos também sobre os limites e os aspectos para os quais os atuais pesquisadores dos ESCT contemporâneos podem contribuir no sentido de aprofundar a crítica aos modelos de desenvolvimento.

Um dos principais limites que podemos identificar relaciona-se a persistência de uma noção de ciência neutra que acompanhou em alguma medida todos os autores desta primeira geração do PLACTS. No caso de Tabak, é fundamental reconhecer o que ela aportou para a construção de uma crítica de gênero e socialmente preocupada (“lente feminista”), que influenciou a formulação de trabalhos acadêmicos e políticas posteriores. Porém, a autora

não considerou profundamente a “natureza” do próprio conhecimento e da produção tecnocientífica: suas estruturas, lógicas, articulações com diversas dimensões culturais e econômicas que são determinantes para a exclusão social. Assim, também parece fundamental identificar os limites desta abordagem como ponto de partida para as contribuições e caminhos abertos pelos EFCT contemporâneos.

A solução colocada para a América Latina, no contexto dos autores da primeira geração do PLACTS, era a formação de cientistas latino-americanos que pudessem contribuir ao desenvolvimento nacional, da mesma forma que a solução para as desigualdades de gênero no âmbito acadêmico era a inserção de mais mulheres nesses espaços, principalmente, por meio da formação de mais cientistas do sexo feminino. Apesar da inegável importância dessa proposta política para mudar o cenário latino americano, há pouca profundidade no debate sobre qual o modelo de desenvolvimento que essa ciência pode alavancar, ou sobre as próprias raízes androcêntricas no modelo científico vigente.

Nesse sentido, tanto os(as) pensadores(as) mais contemporâneos(as) do PLACTS como Renato Dagnino e Hernán Thomas (Dagnino, 2007; 2008; Dagnino e Thomas, 1998, e Dagnino, Thomas e Gomes, 1998), assim como os estudos feministas (Lopes, 1998; Maffia, 2005; Pérez Bustos, 2010) têm dedicado parte considerável dos seus esforços em desmistificar essa neutralidade científica e pensar com mais profundidade a articulação entre política e pensamento científico.

As vertentes feministas têm se destacado dentro dos ESCT pela capacidade de “ir além”, não negando, mas sublinhando a relação entre conhecimento e política ou conhecimento e transformação social. A partir de contribuições como as de Donna Haraway e Sandra Harding, mencionadas anteriormente, aprofunda-se uma crítica ao conhecimento que parte do reconhecimento de sua parcialidade, ou seja, a ideia de *conhecimento situado* ajuda num processo de radicalização da ideia de construção social da ciência muito trabalhada e hoje bastante difundida nos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (Haraway, 1995; 2007; Harding, 1998).

Nos EFCT, o próprio olhar voltado para a relação entre ciência/gênero/tecnologia e a influência do movimento feminista teriam tornado “quase natural, mesmo que não simples e fácil” (González García, 1999: 50-51) uma perspectiva na qual a produção de conhecimento e a política estão mutuamente implicadas. Segundo González García, “o feminismo tem enfrentado desde suas origens os problemas de compatibilizar análises metacientíficas com compromissos sociopolíticos” (González García, 1999: 40).

A vinculação entre produção de conhecimento e fazer políticas esta colocada de forma bastante explícita e contundente nos EFCT. Segundo Åsberg e Lykke (2010), o campo designado atualmente também como *Feminist Technoscience Studies* compartilharia características, entres as quais: 1- explorar a intersecção entre classe, raça, gênero e tecnologia; 2- trabalhar com as implicações do conhecimento situado; 3- perceber as relações de gênero não apenas como relações entre homens e mulheres, mas como forma de entender a agência, o corpo, a racionalidade e a fronteira entre natureza e cultura; 4- romper a dicotomia entre investigação científica e pensamento político para entender as conexões entre conhecimento e práticas científicas.

Estas contribuições mais recentes dos EFCT nos ajudam a identificar outro limite a ser citado nesses pensadores e pensadoras do PLACTS: nenhum dos(as) autores(as) deste período incorporou em suas críticas a questão étnico-racial.^[4] Em um país que é majoritariamente negro e pardo, em uma América Latina com raízes indígenas tão marcadas, não é possível negar a importância política que essa questão tem na luta dos quilombolas, indígenas, ribeirinhos(as), assentados(as), na América Latina. É possível perceber que não foi dado prioridade a um tema que já estava politicamente colocado e que tinha força, não apenas nos movimentos sociais, mas também ganhava contornos já na produção acadêmica. Apesar de existir um esforço significativo de diversas correntes feminista para incorporar a dimensão étnico-racial a seus trabalhos, há de se reforçar que a invisibilidade deste tema de maneira geral ainda é grande, mesmo nos trabalhos mais contemporâneos do PLACTS.

Ao trabalhar com a convergência entre o acadêmico e o ativismo as autoras (e autores) dos EFCT assumiriam seu compromisso político por meio de uma *epistemologia socialmente comprometida* (González García, 1999: 41). Neste sentido, os estudos sobre as epistemologias feministas contemporâneos realizam uma crítica radical às noções vinculadas à neutralidade tenocientífica. Finalmente, podemos dizer que, no âmbito do feminismo da C&T, a provocação que fizemos no final da secção anterior

[4] No âmbito internacional, além de Donna Haraway, autoras como Sandra Harding, Hellen Longino e Patricia Hill Collins têm destacados trabalhos sobre a epistemologia feminista. No contexto latino americano e de países colonizados, Diana Maffia dentro do chamado *feminismo da pós-colonialidade*, que produz sobre temas como feminismo e indigenismo; sobre mulheres negras e mestiças, Karina Bidasca e Vanessa Vazquez Laba (2011). E também trabalhos produzidos sobre os movimentos sociais e ações de mulheres camponesas e agricultoras na América Latina, como em Emma Siliprandi (2000; 2011) e Maria Inez Paulilo (2012).

—sobre a *capacidade de nossos pesquisadores/as para ser “suficientemente militantes” para produzir os conhecimentos necessários para o desenvolvimento da América Latina*— tem demonstradas as potencialidades de uma resposta afirmativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aquino, E. (2006), “Gênero e Ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade”, em Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, SPM (org.), *Encontro Nacional Pensando Gênero e Ciência. Núcleos e Grupos de Pesquisa*, Brasília, Presidência da República, pp. 13-24.
- Åsberg, C. e N. Lykke (2010), “Feminist technoscience studies”, *European Journal of Women’s Studies*, vol. 17, Nº 4, pp. 299-305.
- Bidaseca, K. e V. Vázquez Laba (comps.) (2011), *Feminismo y poscolonialidad: descolonizando el feminismo desde y en América Latina*, Buenos Aires, Ediciones Godot.
- ComCiência (2003), “É tempo de incentivar a presença das mulheres na ciência”, *ComCiência*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/entrevistas/mulheres/tabak.htm>>.
- Dagnino, R. P. (2007), “As perspectivas da Política de c&t brasileira”, *Espacios*, vol. 28, Nº 3, pp. 31-44.
- (2008), *Neutralidade da ciência e determinismo tecnológico*, Campinas, Editora Unicamp.
- e H. Thomas (1998), “Os caminhos da política científica e tecnológica latino-americana e a comunidade de pesquisa: ética corporativa ou ética social?”, *Avaliação*, vol. 1, Nº 3, pp. 23-39.
- e E. Gomes (1998), “Elementos para un estado del arte de los estudios en ciencia, tecnología y sociedad en América Latina”, *Redes*, vol. v, Nº 11, pp. 231-255.
- González García, M. (1999), “El estudio social de la ciencia en clave feminista: género y sociología del conocimiento científico”, em Magallón, C. et al. (eds.), *Interacciones ciencia y género. Discursos y prácticas científicas para mujeres*, Barcelona, Icaria Editorial.
- González García, M. e E. Pérez Sedeño (2002), “Ciencia, Tecnología y Género”, *CTS+I Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología, Sociedad e Innovación*, Nº 2. Disponível em: <<http://www.oei.es/historico/revistactsi/numero2/varios2.htm>>.
- Haraway, D. (1995), “Saberes localizados: a questão da ciência para o Feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, *Cadernos Pagu*, Nº 5, pp 7-41.

- (2007), “Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective”, *Feminist Studies*, vol. 14, Nº 3, pp. 575-599.
- Harding, S. (1998), “¿Existe un método feminista?”, em Bartra, E. (ed.), *Debates en torno a una metodología feminista*, México, Universidad Autónoma Metropolitana-Unidad Xochimilco, pp. 9-34.
- Lopes, M. M. (1998), “‘Aventureiras’ nas ciências: refletindo sobre gênero e a história das ciências naturais”, *Cadernos Pagu*, Nº 10, pp. 345-368.
- Lugones, M. (2014), “Rumo a um feminismo descolonial”, *Estudos Feministas*, vol. 22, Nº 3, pp. 937-952. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>.
- Maffia, D. (2005), “Epistemología feminista: por una inclusión de lo femenino en la ciencia”, em Blázquez Graf, N. e J. Flores (eds.), *Ciencia, tecnología y género en Iberoamérica*, México, UNAM/Plaza y Valdés, pp. 623-633.
- Paulilo, M. I. (2012), “Movimiento de mujeres agricultoras y empoderamiento en Brasil”, em Cruz Souza, F. (ed.), *Perspectiva de género en el desarrollo rural. Desarrollos y experiencias*, Palencia, Editorial Asociación País Románico, pp. 71-84.
- Pérez Bustos, T. (2010), “Los márgenes de la popularización de la ciencia y la tecnología: Conexiones feministas en el sur global”, Tese de doutorado em Educação, Bogotá, Universidad Pedagógica Nacional.
- Siliprandi, E. (2000), “Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais”, *Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, vol. 1, Nº 1, pp. 61-71.
- (2011), “Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar”, *Pensamento Iberoamericano*, Nº 9, pp. 169-183.
- Tabak, F. (org.) (1973), *Ideologias – populismo*, Rio de Janeiro, Eldorado.
- (org.) (1975), *Dependência tecnológica e desenvolvimento nacional*, Rio de Janeiro, Editora Pallas.
- (1983), *Autoritarismo e participação política da mulher*, Rio de Janeiro, Graal.
- (1987), *O perfil da vereadora brasileira*, Rio de Janeiro, PUC-RJ.
- (1989), *A mulher brasileira no Congresso Nacional*, Brasília, Câmara dos Deputados/Centro de Documentação e Informação/Coordenação de Publicações.
- (2002a), *Mulheres Públicas: participação política e poder*, Rio de Janeiro, Letra Capital.
- (2002b), *O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino*, Rio de Janeiro, Garamond.

- (2006), “Sobre avanços e obstáculos”, em Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres –SPM– (org.), *Encontro Nacional Pensando Gênero e Ciência. Núcleos e Grupos de Pesquisa*, Brasília, Presidência da República, pp. 27-40.
- e M. Toscano (1982), *Mulher e Política*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Tosi, L. (1998), “Mulher e ciência. A revolução científica, a caça às bruxas e a Ciência”, *Cadernos Pagu*, Nº 10, pp. 369-397.
- Velho, L. e E. León (1998), “A construção social da produção científica por mulheres”, *Cadernos Pagu*, Nº 10, pp. 309-344.